

AOS COLEGAS DOCENTES

Carta de um professor aposentado

Aloisio da Silva Lima

Professor (aposentado) do Departamento de Engenharia de Produção do Centro de Tecnologia (CT/UFPB)

UM POUCO DE HISTÓRIA

Caros colegas,

Ao começar o ano de 1976, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) contava com pouco mais de 900 docentes, sendo que cerca de três quartos deles eram contratados como professores colaboradores em tempo parcial. Naquele momento, em que vivíamos a ditadura militar, o reitor era o professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, que havia sido diretor do Centro de Ciências e Tecnologia (CCT) do campus II da UFPB — à época, localizado em Campina Grande, quando a UFPB ainda abraçava esse campus e os campi de Patos, Sousa e Cajazeiras, depois desmembrados e transformados em Universidade Federal de Campina Grande.

Na direção do CCT, o professor Lynaldo elaborou uma série de convênios internacionais que levaram, para aquele centro, uma gama de professores doutores de várias nações, dando destaque particular ao curso de engenharia elétrica, que logo ficou reconhecido como um dos melhores do Brasil. Ele foi muito dinâmico. Pelo êxito do seu trabalho, foi convidado ao cargo de diretor do Departamento de Assuntos Universitários (DAU), um alto

cargo no Ministério da Educação em um governo ditatorial — mas ele era um democrata.

E mais do que isso: era uma pessoa trabalhadora, educada, paciente, que sabia ouvir, persistente, visionária e decidida a mudar a Paraíba por meio do conhecimento. Veio cacifado do MEC para fazer uma experiência universitária que até hoje não foi assim nomeada. Foi, porém, tão importante, que mudou a configuração da cidade de João Pessoa. Aqui, os habitantes não moravam na praia. Veraneavam à beira-mar, quando se aproximava o final do ano, e voltavam às suas residências logo depois do Carnaval.

Como reitor, chegava cedo ao trabalho, às 7h, e saía tarde, por volta das 20h. Em pouco tempo, transferiu a reitoria, que funcionava nas proximidades do Parque Solon de Lucena, no prédio onde hoje é o INSS, para o prédio do campus, que ficou em obras durante muitos anos, pois a prioridade eram as condições de trabalho acadêmico.

A experiência acadêmica, que multiplicava os cursos de graduação e de pós-graduação, virou sensação nos centros acadêmicos do país. Todos os que se preparavam para a docência superior desejavam vir para a Paraíba, e a Paraíba precisava dos docentes de todo o país. Nos quatro anos de reitorado do professor Lynaldo, que durou até 1980, o quadro docente passou a abrigar cerca de 3,2 mil professores, sendo 80% deles em regime de tempo



integral e dedicação exclusiva, com a assinatura de um termo de compromisso para residir na cidade onde o campus para o qual foram contratados estava instalado.

Havia a sensação de estarmos construindo uma verdadeira experiência universitária. Os professores se encontravam, trocavam informações, faziam amizades, elaboravam projetos comuns, interagiam e construíam uma instituição que, em pouco tempo, passou a ser a mais desejada do país.

Imaginem o cenário: sexta-feira, às 19h30, e o prédio da reitoria fervilhando de gente. Os gabinetes dos pró-reitores cheios. A antessala do reitor cheia. As unidades de apoio lotadas. Todos com ideias a apresentar, com resultados, com reivindicações. E tudo andava. Acontecia.

E todos eram jovens. A faixa etária dos novos docentes estava entre 25 e 30 anos de idade. E ninguém pensava em aposentadoria. Como deixar o que amava fazer?

OS ATUAIS DOCENTES APOSENTADOS DA UFPB

Quando vim para cá, eu tinha 26 anos de idade. Trabalhava para uma empresa norte-americana, onde, segundo me disseram, podia pensar o que quisesse, desde que lhes desse lucro. E me era difícil encontrar trabalho, por fazer parte da lista de indesejáveis da ditadura. Mesmo tendo recebido convite dos docentes da Coppe (atual Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia-UFRJ) para me tornar professor do programa que eu frequentava, fui instado a me retirar de lá, sob a vara do decreto-lei 477/69, que

previa a punição de professores, alunos e funcionários de universidades considerados culpados de subversão ao regime militar.

Mas pude vir para cá. Que maravilha!

Porém, como sabemos, a bonança não dura para sempre. Depois de algumas conquistas e esperanças geradas pela promulgação da Constituição de 1988, pouco a pouco, foram tirando os nossos direitos: anuênios, quinquênios, ano sabático, progressão funcional ao se aposentar, garfadas salariais — 88%, 28,87%, 3,17% —, perdas no FGTS e no Pasep, pagamento de INSS, criação da classe de professor associado... E congelamento do salário, congelamento do salário, congelamento do salário...

Hoje, os professores aposentados que ajudaram a construir esta UFPB são considerados um estorvo social. Não gozam de atenção e não são mercedores de mérito. As frequentes subdivisões no funcionalismo público fede-

ral têm por objetivo desarticular a classe. E o mesmo acontece dentro a categoria dos docentes, que hoje estão divididos em várias subcategorias.

Mas não se iludam aqueles que se acham protegidos por contratos escritos. As artimanhas usadas para burlá-los são muitas. E nenhum dos atuais aposentados deixou de ter contratos escritos, assinados com firmas reconhecidas, registrados — e que foram descumpridos.

Caros colegas, organizem-se.

Os aposentados de amanhã serão vocês. Lutem para que não sejam prejudicados no futuro. O sindicato é o meio de luta por excelência, e é insubstituível. Quem tem sindicato nunca está só.

Ousar lutar, ousar vencer!

**“CAROS COLEGAS, ORGANIZEM-SE.
OS APOSENTADOS DE AMANHÃ SERÃO VOCÊS.
LUTEM PARA QUE NÃO SEJAM PREJUDICADOS
NO FUTURO. O SINDICATO É O MEIO DE LUTA
POR EXCELÊNCIA, E É INSUBSTITUÍVEL.
QUEM TEM SINDICATO NUNCA ESTÁ SÓ.**